



História (São Paulo)

ISSN: 0101-9074

revistahistoria@unesp.br

Universidade Estadual Paulista Júlio de

Mesquita Filho

Brasil

Santos CUNHA, Maria Teresa

Das mãos do autor aos olhos do leitor. Um estudo sobre livros escolares: A Série de Leitura Graduada
Pedrinho de Lourenço Filho (1950/1970)

História (São Paulo), vol. 30, núm. 2, agosto-diciembre, 2011, pp. 81-99
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=221021290005>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

 redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

História (São Paulo)

Das mãos do autor aos olhos do leitor.

**Um estudo sobre livros escolares: A Série de Leitura Graduada
Pedrinho de Lourenço Filho (1950/1970)**

From the hands of the author to the eyes of the reader.

**A study on school books: “*Pedrinho*”—A Series of Guided Reading
by Lourenço Filho (1950/1970)**

Maria Teresa Santos CUNHA*

Resumo: Objeto importante da cultura escolar os manuais escolares se firmam como elemento material para uso de professores e alunos e como representação de todo um modo de conceber e praticar o ensino. Os manuais escolares aqui problematizados para investigação circularam a partir da década de 1950 até a década de 1970, com o nome de *Série de Leitura Graduada Pedrinho* – de autoria do Professor Manuel Bergström Lourenço Filho (1897-1970) e foram amplamente utilizados em Santa Catarina e no Brasil como livros de leitura. Este trabalho pretende examinar, nesta coleção de manuais escolares, personagens leitores/as e prescrições relacionadas ao ato de ler. Procurar-se-á evidenciar, no conjunto de seus textos e imagens, cenas de leitura que contribuíram para conformar a leitura e os impressos como ícones da cultura escolar.

Palavras-chave: História da Leitura. Livros Escolares. Série de Leitura Graduada. Professor Lourenço Filho.

Abstract: An important part of scholarly practice, guided school books have become important elements for the use of both teachers and students, and represent a way to perform and practice teaching. The guided books herein under examination circulated between the decades 1950 and 1970, and were designated as “*Pedrinho – A Series of Guided Reading*”, written by Professor Manuel Bergström Lourenço Filho. They were widely used in the State of Santa Catarina as readers. This article aims to examine within this collection of guided reading the characters who

*Professora Doutora - Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História – UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina - Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED - Avenida Madre Benvenuta, 2007 / Itacorubi - Florianópolis/SC - CEP: 88035-001. Bolsista Produtividade do CNPq. Este texto integra o Projeto “Protocolos de Civilidade. Um estudo sobre a Série de Leitura Graduada Pedrinho de Lourenço Filho (décadas de 50/70 do século XX)”. Financiado pelo CNPQ/ Processo 475851-2009-9. E-mail: mariatsc@gmail.com

Maria Teresa Santos Cunha

read, and the precepts related to the act of reading. The aim is to show clearly, within the groups of texts and images, the reading scenes that contributed to shaping reading and the printed material as icons of scholarly practice.

Keywords: History of Reading. School books. A Series of Guided Reading. Professor Lourenço Filho.

“A criança não deve ter a liberdade de ler tudo quanto lhe apraz [...]. Quando o pai não seja bom psicólogo e não souber *graduar* as leituras dos filhos, deveria deixar esse encargo aos professores.”
(Mário Gonçalves Viana, 1949, p.13).

A História dos livros escolares, desde a década final do século XX, tem se caracterizado como um campo historiográfico com intensos investimentos de pesquisa ancorado nos domínios da cultura escolar¹ e dos estudos sobre a manualística². Símbolos pedagógicos e objetos de controle do Estado, desde o século XIX, os livros escolares funcionavam como instrumentos de *proselitismo religioso* desde a Idade Moderna e condicionaram um modo de organização da cultura escolar, seus saberes e suas práticas. (GALVÃO; BATISTA, 2003, p.166). No Brasil, já desde os finais do século XIX, notadamente após a República, os livros escolares foram considerados como base para a aprendizagem da leitura e transformados em obrigatórios, como item curricular. Esta foi uma das estratégias mais importantes que a educação escolarizada tomou a si, e o fez seja para transmitir ensinamentos, seja para exercer controle, alimentar o imaginário e, enfim, construir leitores. Nesse sentido, coube à escola conduzir o ato de ler e dotar as crianças de ferramentas necessárias para automatizar, por meio de exercícios leitores, o uso dessas habilidades. Assim, a criança que, ao chegar à escola já fazia de um modo genérico a leitura do mundo, inicia o acesso a um novo patamar: o da leitura da palavra escrita. Com efeito, a escola não pode interpretar sua tarefa de ensinar a ler de modo mecânico e estático, pois estava ciente de que ler não se reduzia à mera técnica.

Considerada como a Instituição que recebe, prioritariamente, a incumbência de ensinar a ler e a escrever (ações que constituem aspectos importantes do processo de alfabetização) a escola continua a ser uma conquista importante para a criança nos seus primeiros anos e ensinar a ler e a escrever têm sido uma das tarefas mais efetivas a ser cumprida pelos professores. A prática de adotar os livros escolares para o ensino dessas habilidades, também considerou ensinar que a leitura é uma atividade paciente, uma experiência simbólica e uma maneira de construir sentidos e, como tal, é uma ação que exige um investimento para transformar o *habilitado a ler* em um *leitor efetivo*.

Das mãos do autor aos olhos do leitor.
Um estudo sobre livros escolares: A Série de Leitura Graduada
Pedrinho de Lourenço Filho (1950/1970)

Assim, popularizada pela educação escolarizada, no Brasil, a partir dos finais do século XIX, a leitura se viabilizou nos chamados livros ou manuais escolares que não se restringiram ao seu uso pedagógico; eles circularam também em outros espaços (como leituras de lazer e como leituras literárias, por exemplo) e se constituíram como produtos de grupos sociais que procuravam por seu intermédio fazer circular valores, normas, condutas, tradições e representações de uma determinada época.

Eles constituem, hoje, uma área de pesquisa em ascensão, uma vez que relacionam tanto à história da educação como à história do livro e da leitura e, assim, são tratados por Roger Chartier, para quem:

O duplo registro histórico do ensino escolar e de seus suportes liga-se à própria definição de leitura e seus fins (porque, no primeiro caso, a alfabetização funcional utiliza como suporte na escola as cartilhas, os silabários, os catecismos – material que mistura uma didática religiosa elementar com a aprendizagem da leitura), enquanto que a abertura da leitura aos valores que a vinculam a uma definição do indivíduo, de uma nação ou de uma cultura, leva a inventar manuais e a enriquecer seus conteúdos. (CHARTIER, 2002, p.78).

A disseminação da leitura pelos manuais escolares já mereceu vários estudos. Aqui se destacam aqueles feitos por Alain Chopin (2002, p.14) para quem eles foram divulgadores de noções científicas, de métodos pedagógicos, de representações de um comportamento social bem como depositários de conteúdos educativos que tinham o papel de transmitir às jovens gerações, os saberes, as habilidades (mesmo o ‘saber ser’) os quais, em uma dada área e a um dado momento, foram julgados indispensáveis à sociedade para perpetuar-se.

Promover e incentivar a leitura na escola brasileira se constituiu em um objetivo da educação desde os inícios da República que, ao inaugurar a laicidade do ensino, precisava se contrapor à ação da Igreja Católica, detentora de grande parte da escolarização e que se pautava, pela preocupação em orientar para os perigos que poderia trazer uma ampla divulgação da leitura e, muito detidamente, pelo controle dos livros dados a ler³. Importa ainda, considerar que outros textos como aqueles dados a ler em manuais de civilidade e etiqueta que circulavam nas escolas, até as décadas de 1940 e 1960, recomendavam cuidado com as leituras que não poderiam despertar impetuosidade nos rapazes e nem desenvolver impulsos inferiores nas moças (SCHILGEN, 1959,

Maria Teresa Santos Cunha

p.17). Estes manuais também indicavam para as crianças, as leituras pautadas pelos costumes ingleses que preconizavam uma literatura saudável e edificante (GENCÉ, 1943, p.15).

Já nos inícios da República, os chamados *Livros de Leitura* começaram a ser sistematicamente utilizados nas escolas, públicas e privadas de vários locais e podem-se citar, como pioneiras, as chamadas *Séries Graduadas* de autores como Felisberto de Carvalho (1892); Romão Puigari e Arnaldo Barreto (1895); Francisco V. Mendes Viana (1908); Thomaz Galhardo (1910/1920) e Antônio Firmino Proença (1920/1930)⁴. Em Santa Catarina, houve a conhecida e muito utilizada *Série Fontes* que foi alvo de estudos acadêmicos (PROCHNOW, 2009; TEIVE, 2008). Sob estas condições, pode-se dizer que as Séries Graduadas de Leitura fizeram parte do movimento de reformulação da escola implantado pela República, o qual representava a inauguração de uma nova cultura escolar que percebeu no livro de leitura (também chamado de manual escolar⁵) um dos principais meios de formação do caráter e instrumentalizador da leitura e da escrita.

Os estudos historiográficos e pedagógicos evidenciam, portanto, que desde os anos iniciais do século XX, educadores brasileiros se mobilizaram para elaborar livros de leitura a serem adotados nas escolas primárias do país, pois estavam preocupados com a formação do jovem, a partir das séries iniciais da escola. As propostas pedagógicas defendidas pelo ideário educacional brasileiro a partir da década de 1920 e sistematizadas na década de 1930 pelo movimento conhecido como Escola Nova⁶, tinham na escolarização da leitura um foco de atenção e de excelência. Inspirado nas ideias políticas de igualdade entre os homens e do direito de todos à educação, o Manifesto previa diretrizes para a educação nacional e priorizava o ensino público, obrigatório, integral e laico. Nesta mesma perspectiva, o livro escolar, como uma prática cultural, foi ressignificado e fazia parte, cada vez mais, da vida cotidiana dos alunos e seu consumo se consolidou ao fazer-se objeto pessoal e individual, com lugar privilegiado nas aulas. Objeto importante da cultura escolar os manuais escolares se firmam como elemento material para uso de professores e alunos e como representação de todo um modo de conceber e praticar o ensino, especialmente a partir desse período da vida nacional.

Os estudos já citados anteriormente mostram que nas três primeiras décadas do século XX, os autores, em termos de seleção de conteúdos à leitura, estavam imbuídos da ideia, sempre recorrente, de construir bons alunos e bons cidadãos republicanos patriotas que se tornariam estandartes da República⁷. Da década de 1940 em diante, é possível encontrar nas lições dadas a ler

Das mãos do autor aos olhos do leitor.
Um estudo sobre livros escolares: A Série de Leitura Graduada
Pedrinho de Lourenço Filho (1950/1970)

em manuais escolares, uma sutil mudança: a preocupação com a formação dos cidadãos criativos e rápidos como trabalhadores operosos e empreendedores que valorizassem o progresso científico e industrial, atributos fundamentais às novas condições políticas e sociais que se impunham com a industrialização nacional que se consolidava a partir dos anos 50⁸.

O Professor Lourenço Filho como autor da Série de Leitura Graduada *Pedrinho*

“Leio em casa a qualquer hora, mas sobretudo a noite [...],
leio no bonde, não raro, andando na rua.”
(LOURENÇO FILHO, 1945, p. 7)⁹.

Manoel Bergström Lourenço Filho (1897-1970), natural de São Paulo, foi um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação, assinado em 1932 por um conjunto de intelectuais como Fernando de Azevedo, Cecília Meirelles, entre outros¹⁰. Grande nome na formação do campo educacional brasileiro e autor de numerosa obra ao longo de uma exitosa carreira (MONARCHA, 1997) as preocupações de Lourenço Filho com as questões relativas ao ensino e propagação da leitura atravessavam sua produção escrita desde as primeiras décadas do século XX e apontavam ângulos para se pensar o Brasil. Um Brasil que se modificava pela emergência de ideia de “moderno”, associada ao tema da organização nacional que, pela educação, pretendia “reformar a sociedade, pela alfabetização [...] criando ensino técnico, renovando as elites [...] em um movimento a um só tempo modernizador e restaurador dos pilares da nacionalidade.” (LAHUERTA, 1997, p. 99-100).

Em 1922, Lourenço Filho é nomeado Diretor da Instrução Pública do Estado do Ceará, onde implantou na Escola Normal de Fortaleza/Ceará, procedimentos que sinalizavam para mudanças, tais como: o método intuitivo ou lições de coisas, escola modelo, aulas práticas, medição de acuidade visual, entre outros; e ainda fundou um pequeno laboratório de psicologia, disciplina de sua predileção e formação. Data de 1928 a primeira incursão de Lourenço Filho na escrita de livros para a escola, pois, nesta data, escreve a *Cartilha do Povo*, considerada um sucesso duradouro (RAZZINI, 2005, p. 108), chegando a 2.204^a edição em 1994.

Os estudos realizados por Silva Lourenço (1997) mostram que, ao lado das propostas leitoras, o tema do nacionalismo materializado pelo amor à Pátria era muito caro ao Professor Lourenço Filho e já se fazia presente na maioria dos seus artigos, inclusive aqueles escritos no início de sua carreira, por exemplo, entre 1916 e 1918, na condição de membro atuante da Liga

Maria Teresa Santos Cunha

Nacionalista de São Paulo. Para ele, o termo “nacionalismo” comportava ações como o “cultivo da língua nacional, a leitura, os estudos de geografia e os de história do Brasil [...] o *patriotismo* são, sem pieguices nem fanfarronadas e que supõe alfabetização e nacionalização do brasileiro” (p.48).

Bastante atuante na década de 1930, nas batalhas pela educação pública, laica e gratuita, Lourenço Filho foi incumbido, em 1938, de organizar o Instituto Nacional de estudos pedagógicos (INEP), onde ficou até 1946 e, em 1944, fundou a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Em 1947, pela segunda vez, ocupou a direção do Departamento Nacional de Educação e aí permaneceu até 1951. Em 1951, retornou ao exercício do magistério como professor de Psicologia Educacional, na Faculdade de Filosofia, onde continuou até março de 1957, quando se aposentou. (LOURENÇO, 1997, p.47-76).

Essas demandas mobilizaram sua ação tanto como editor¹¹ quanto como autor de artigos, livros e manuais escolares, pois o *patriotismo* é marca contundente das ideias escolanovistas e de Lourenço Filho, em especial, sobretudo na produção de livros escolares, concebidos por ele, na década de 1950, com o título de *Série de Leitura Graduada Pedrinho*.

Foi justamente na década de 1950, concomitantemente ao seu retorno ao magistério e conjuntamente com seu trabalho de editor e consultor para a área de literatura infantil na Editora Melhoramentos¹² que Lourenço Filho inicia, mais precisamente em 1953, a produção da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, em cinco volumes e seus respectivos Guias do Mestre, a saber: *Pedrinho* - livro I, primeira edição em janeiro de 1953; *Pedrinho e seus amigos* - livro II, primeira edição em janeiro de 1954; *Aventuras de Pedrinho* - livro III, primeira edição em janeiro de 1955; *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* - livro IV, primeira edição em 1956 e *Pedrinho e o mundo* - livro V, esse apesar do autor e da Editora sempre mencionarem nas propagandas e descrições da Série, parece não ter sido publicado. A Série conta, ainda, com a publicação da cartilha *Upa, Cavalinho!*, cuja 1ª edição data de 1956/7; chegando a 2.070.000^a edição, em 1970. (BERTOLETTI, 2006, p.73).

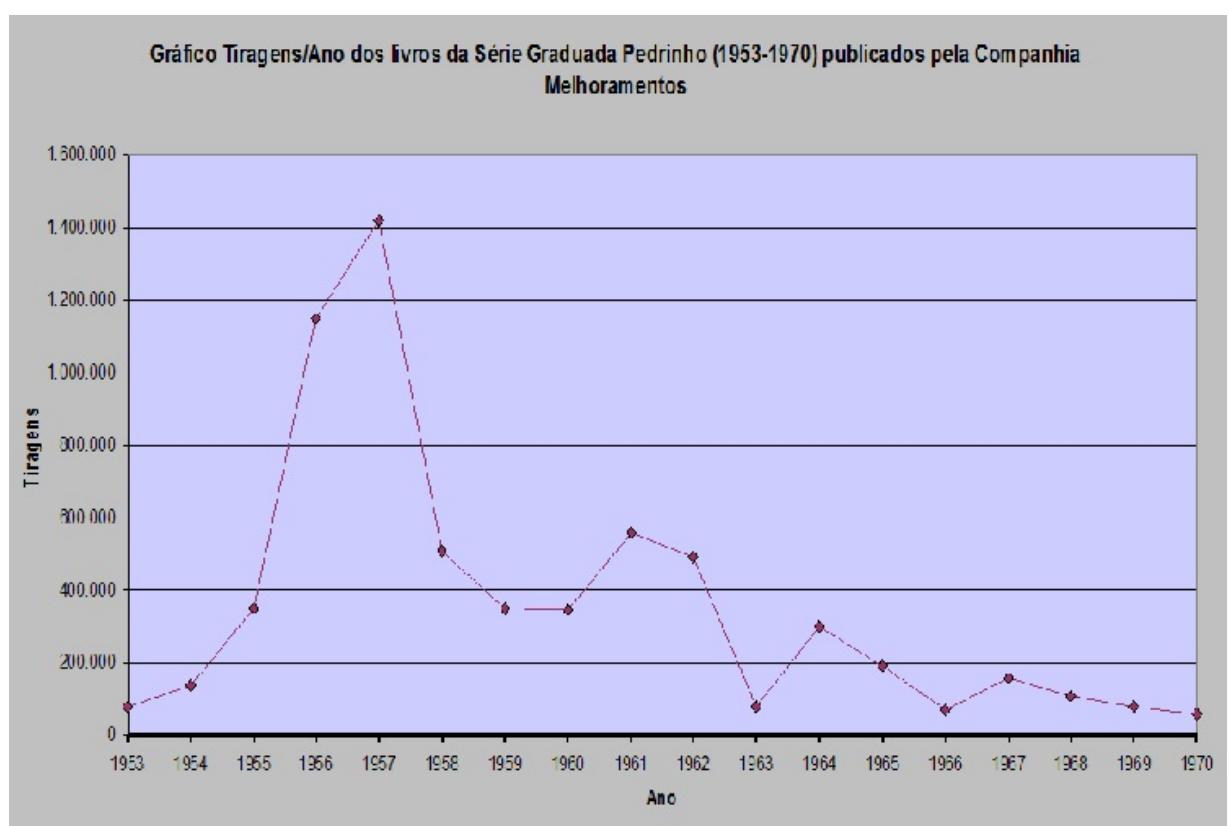
Destinada ao ensino da leitura e da escrita, na fase inicial às crianças das escolas brasileiras, segundo Mortatti (2000), a Série é saudada como esforço de renovação e marco de uma nova fase na história do livro de leitura brasileiro, alcançando tiragens de mais de dois (2) milhões de exemplares entre 1953 e 1970¹³. Segundo o próprio autor, o mérito da série era “estimular o desejo de ler, e de ler com compreensão, de forma produtiva. É a primeira série de leitura escolar a cuidar dos problemas das relações humanas no lar, na escola, na vida social”, encontra-se escrito na contracapa do Livro I – *Pedrinho* (LOURENÇO FILHO, 1955).

Sobre as cifras, optou-se por apresentar, no gráfico abaixo, os dados relativos às tiragens dos livros de Lourenço Filho presentes na obra *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*¹⁴. Neste

Das mãos do autor aos olhos do leitor.
Um estudo sobre livros escolares: A Série de Leitura Graduada
Pedrinho de Lourenço Filho (1950/1970)

gráfico são apontados os respectivos anos de lançamento dos cinco volumes da série (1953, 1954, 1955, 1956 e 1957) e pode-se perceber o ápice de tiragem, alcançado no ano de 1957, ultrapassando a cifra de um milhão (1.100.000) de exemplares. O gráfico ilustra, igualmente, flutuações nas tiragens da série até que estas se findam, no ano de 1970.

Gráfico 1 - TIRAGENS/ANO DOS LIVROS DA SÉRIE DE LEITURA GRADUADA PEDRINHO (1953-1970) PUBLICADOS PELA COMPANHIA MELHORAMENTOS.



Fontes: Elaborado por Ana Luiza Mello Santiago de Andrade. Bolsista PIBIC/CNPq.

A Série de Leitura Graduada Pedrinho, nascida como uma série didática, em razão de sua proposta lúdica (imagens e personagens) e psicológica (obediente aos princípios etários básicos do processo de aprendizagem) se caracteriza também como uma forma de literatura infantil. Gradativamente, os personagens e as situações são apresentados à leitura, e tais expedientes são perceptíveis desde o primeiro volume, *Pedrinho*, livro I, (primeira edição em 1953) apresenta o personagem em seu ambiente familiar, com pais, irmãos, parentes e na sua entrada na escola; e corresponde à fase da literatura hesitante para a leitura corrente (MARINS, 1997, p. 88-89); a

Maria Teresa Santos Cunha

indicação era para crianças de 7 (sete) ou 8 (oito) e tem o intuito de criar ou reforçar no aluno o gosto de ler, ou a necessidade de ler. Este primeiro volume discorre em suas 64 lições (ou histórias), de uma maneira geral, sobre família e escola. Segundo o próprio autor o livro se destinava à:

[...] delicada fase de transição entre o período de aprendizagem inicial, a da cartilha, e o dos primeiros ensaios de leitura corrente, de especial relevância na fixação de hábitos e atitudes, ou disposições favoráveis ou não ao perfeito desenvolvimento do processo. Poderá e deverá êste livro tal seja o nível de maturidade dos alunos e adiantamento alcançado, ser logo utilizado ao fim dos primeiros meses de estudo no primeiro ano escolar, ou então, no primeiro semestre do segundo ano. (LOURENÇO FILHO, 1964, p.125).

Como iniciador da *Série*, encontra-se na contracapa do livro I, *Pedrinho*, seus princípios metodológicos e mesmo o seu propósito, onde é possível constatar o já referido investimento no ato de ler:

Atende às exigências da evolução psicológica da criança a aos objetivos dos programas de ensino. Estimula o desejo de ler, e de ler com compreensão, de forma produtiva. É a primeira série de leitura escolar a cuidar dos problemas das “relações humanas” no lar, na escola, na vida social. É também a primeira a graduar o vocabulário, as formas de construção e as gravuras, segundo os resultados de pesquisas realizadas com crianças brasileiras. Concorre, por tudo isso, para que o trabalho escolar transcorra num ambiente de verdade, alegria e beleza. (LOURENÇO FILHO, 1964, s.p.).

Pedrinho e seus amigos, o segundo volume da *Série*, era indicado para crianças entre 8 e 9 anos, e nele a criança é apresentada à comunidade, à vizinhança, às profissões, aos modos de vida rural e urbano, ao contato com animais e plantas. O volume seguinte – terceiro – intitula-se *Aventuras de Pedrinho* e é indicado para a faixa etária de 9 a 10 anos, nele, a ênfase centra-se em histórias que aticem a imaginação e as aventuras infantis. No quarto volume – *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* – encontra-se uma seleção de textos de autores variados com a pretensão de favorecer uma iniciação literária e, ao mesmo tempo, mostrar variados aspectos ligados ao ato de ler, fazer livros, escrevê-los e até como guardá-los. Neste quarto volume, tentar-se-á uma imersão mais profunda, já que nele há instruções mais densas sobre leitura e formação de leitores, a começar pelo próprio título que inicia com a palavra *Leituras*, como a sinalizar que este será o mote do volume. Antes, porém, convém ressaltar que em toda a *Série*, ao final de cada história (lição), há atividades propostas, geralmente vinculadas aos textos lidos. Ao lado das lições, intercalam-se poesias, versos, prosa, músicas. Dessa forma, parece afirmar-se o método intuitivo ou *lições de coisas*, que previa o ensino do simples para o complexo, do particular para o geral, do concreto para

Das mãos do autor aos olhos do leitor.
Um estudo sobre livros escolares: A Série de Leitura Graduada
Pedrinho de Lourenço Filho (1950/1970)

o abstrato, da síntese para análise, do conhecido para o desconhecido, em que descrições detalhadas dos seres e acontecimentos bem como a utilização de desenhos/gravuras evidenciavam a relação de contiguidade de sentido dos textos.

Estudos anteriormente aqui citados (MORTATTI, 2000) mostram que a *Série de Leitura Graduada Pedrinho* alcançou altas vendagens e representou um marco na história do livro didático brasileiro para crianças, publicada pelas Companhia Melhoramentos. Cuidadosamente editada, pelos padrões da época, a *Série* em estudo atingia comunidades de leitores que frequentavam a escola primária pública e exibia determinados protocolos de leitura: tamanho, editoração, formas de encadernação (no caso, tipo brochura), imagens e textos que formavam uma ordem, fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu sua publicação (CHARTIER, 1994, p.8).

Os livros escolares aqui problematizados para investigação circularam a partir da década de 1950 estendendo-se até a década de 1970, com o nome de *Série de Leitura Graduada Pedrinho* – de autoria do Professor Manuel Bergström Lourenço Filho e foram amplamente utilizados no território nacional como livros de leitura.

A *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, editada pela própria Companhia Melhoramentos, se apresentava aos leitores como a primeira série de leitura escolar, organizada para as crianças brasileiras e adotada nacionalmente. Nestes livros encontravam-se modelos educativos de caráter moral e político considerados adequados e que tentavam imprimir novos hábitos para legitimar ações e configurar comportamentos desejáveis aos jovens leitores escolares.

Este trabalho pretende exemplificar, em um livro dessa coleção de manuais escolares, a presença de personagens leitores/as associadas a prescrições relacionadas ao ato de ler. Procurar-se-á evidenciar, no volume IV da *Série* - as representações de cenas de leitura que contribuíram para conformar a leitura saudável como um dos ícones da cultura escolar.

Nesta perspectiva, pretende-se analisar a atuação do Professor Manuel Bergström Lourenço Filho como expoente do ideário da Escola Nova, defensor e pesquisador da leitura como ícone escolar e escritor dessa *Série*, lançada nos inícios da década de 1950, quando ele reassume a função de professor da Faculdade de Filosofia, na cadeira de Psicologia. Utilizar este material em busca de representações de *cenas de leitura*, parte da compreensão de que todo texto traz representações de valores que o autor e o seu mundo cultural agregam, uma vez que um indivíduo integrado ao contexto sociocultural é detentor de dimensões que podem originar as diversas representações contidas na obra: intelectual, artística, educativa, de gênero, econômica, etc.

Maria Teresa Santos Cunha

Concebidas como um meio de formação do caráter, além de instrumento de leitura, as séries graduadas ocupam lugar de destaque na função decisiva do ensino desde o início do século XX, quando da institucionalização da escola graduada, os chamados grupos escolares. As Séries Graduadas ligavam-se aos pressupostos da pedagogia nova e do método intuitivo, também conhecido como “lições de coisas”, que preconizava a prática da observação e dos sentidos para o conhecimento do mundo e contrapunha-se às práticas mnemônicas e às constantes repetições comuns do método tradicional (TEIVE, 2008, p.116), vigentes até os finais do século XIX e que preconizavam longas repetições orais de textos decorados. Elas mantinham nos seus volumes a continuidade e o gradativo aprofundamento das lições, conforme o ano ou série a que se destinavam, e ideias caras à pedagogia moderna estão presentes em sua elaboração, como a aprendizagem por atividades, ancorada na liberdade; a importância do jogo; a necessidade da escola ressoar a vida; a importância das práticas de leitura; e consoante, entre outros, ao pensamento de Froebel:

Como direções próprias da união realizada entre a vida escolar e familiar, da vida de educação, surgem, do nível de desenvolvimento humano e exigências do menino e do aluno incipiente, a seguir: [...] consideração da natureza e do mundo exterior, sempre partindo do próximo ao longínquo. (FROEBEL, 2001, p.148).

Intensamente adotadas nas escolas brasileiras até inícios da década de 1970, as Séries Graduadas podem ser consideradas como precursoras da literatura didática brasileira. A esse respeito, o estudo empreendido por Gasparello (2004) ratifica o importante papel dos livros didáticos no amplo processo histórico e cultural da escolarização (GASPARELLO, 2004, p. 20) ao mostrar que seu uso se fez sentir na educação destinada aos jovens.

Assim, pode-se dizer que as Séries Graduadas de Leitura fazem parte desse movimento de reformulação da escola, implantado pela República, representando a inauguração de uma nova cultura escolar que percebe no manual escolar um dos principais meios de formação do caráter e instrumentalizador da leitura e da escrita. O objetivo era fazer circular, pela leitura, ensinamentos gerais e enciclopédicos para conformar valores e construir a alma nacional, como anunciou o Professor Lourenço Filho.

Cenas de Leitura na Série Graduada *Pedrinho: Das mãos aos olhos*

Entre os finais da década de 1950 até inícios da década de 1970, estes livros de leitura foram muito utilizados, e o gráfico anteriormente montado, considerando suas vendagens, corrobora a informação.

Das mãos do autor aos olhos do leitor.
Um estudo sobre livros escolares: A Série de Leitura Graduada
Pedrinho de Lourenço Filho (1950/1970)

A grande repercussão de vendas desses livros pode ser pensada, para além da popularidade de seu autor, como um desejo de, pela leitura, normalizar comportamentos, internalizar regras e preceitos para a formação do *bom cidadão*, bem como contribuir para a formação do caráter em um período em que a vida nas cidades se firmava, onde se definiam regras para o controle e a contenção de sentimentos e ações, produzindo certa experiência do que é civilizado, polido, educado. Centrar a atenção nas cenas de leitura presentes nestes livros escolares justifica-se, neste trabalho, para tentar compreender o repertório de exemplos contidos, especialmente no Livro IV - *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, que contribuíram para conformar a leitura como um saber escolar e ao livro escolar dar a tarefa de fortificar e completar a ação da leitura na escola.

Neste volume, o quarto da *Série*, variadas imagens traduzem o investimento do autor na leitura, dado a ver, de forma emblemática, desde a capa até as folhas internas do livro em pauta. O volume em estudo é o da 3^a edição, publicado em 1958. Tanto a capa como as imagens internas são de autoria de Oswaldo Storni,¹⁵ ilustrador bastante presente em outras obras editadas pelas Edições Melhoramentos.

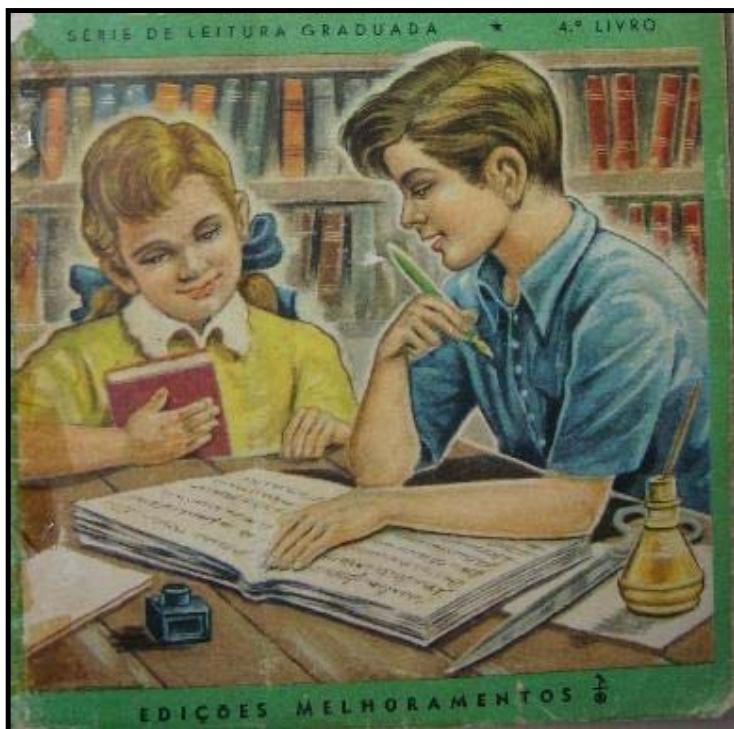


Figura 1 - Série de Leitura Graduada *Pedrinho* - Livro IV
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Maria Teresa Santos Cunha

A capa mostra uma *cena de leitura*: o protagonista da *Série*, o menino Pedrinho com sua irmã Maria Clara sentados à mesa, tendo por pano de fundo uma estante cheia de livros bem dispostos (seria uma biblioteca?). Os irmãos, aparentemente uniformizados, olham atentamente para um grande caderno que, para manter-se aberto, precisa da mão esquerda do menino sobre as folhas. Maria Clara, sentada ao lado, carrega um livro fechado de encontro ao peito, enquanto olha atentamente para o mesmo caderno aberto. Na mesa há, ainda, uma tesoura grande, um vidro de cola (goma arábica), um tinteiro, todos os objetos que seriam utilizados na confecção de um livro artesanal, tarefa a que se entregarão ao longo das páginas do livro e que aparecerá descrita, minuciosamente, em várias lições. A ilustração sinaliza uma linguagem verbal e insinua um prognóstico para esse livro, pois nele os irmãos irão mostrar como se faz um livro por meio de pesquisas de textos em outros livros e revistas (organizado com textos de outros autores juntamente com os escritos por eles mesmos), tudo realizado artesanalmente sem estímulos materiais e compensações financeiras. Além disso, a cena de capa supõe uma possível articulação entre a leitura e a escrita materializada nos objetos ali presentes e confirmada nos textos no interior do livro.

O 4º livro da *Série*¹⁶ é apresentado aos alunos como um incentivo à leitura, bastante compreensível se forem levadas em consideração as palavras do próprio autor, para quem não há cultura sem o exame do pensamento dos outros, de muitos outros, quer dizer, não há cultura sem leitura (MARINS, 1997, p.87). Dessa forma, as lições, os temas, a seleção de autores configuram senhas dessa identidade, perceptíveis nos motivos que aludem às letras, aos autores, aos livros, à escrita, ao saber, à civilização; signos de uma nova cultura material escolar, associada à experimentação, à criatividade e que procuravam fazer, da descoberta, a razão de aprender e, pelo apelo à imaginação, permitir à criança uma forma de aprender a ler bem, e a respeitar os livros.

Desde a primeira lição, que se intitula “Como este livro foi preparado”; é possível encontrar regras escritas que ensinam a fazer o livro, em casa:

Primeiro, compramos uma porção de folhas de papel almoço – dessas pautadas, vocês sabem. Depois, com caligrafia caprichada e sem erros de ortografia, começamos a copiar. Deixávamos uma boa margem no papel. Copia que copia, o maço foi crescendo [...]. Numeramos as páginas, fizemos um índice... (LOURENÇO FILHO, 1958, p.7-8).

As lições prosseguem com abordagens de temas relacionados ao ato de ler em títulos como “Os livros” (p.11-12); ou como conservar os objetos de leitura, na “Nova moda de encapar os livros” (p.14-15); e, na leitura “O que merece ser feito merece ser bem feito” (p. 9-10), em que os

Das mãos do autor aos olhos do leitor.
Um estudo sobre livros escolares: A Série de Leitura Graduada
Pedrinho de Lourenço Filho (1950/1970)

irmãos empenham-se em montar um índice para evitar que “os assuntos fiquem misturados e facilitem a leitura”.

Por meio dessas estratégias que valorizavam o trabalho manual dos protagonistas, grande parte das lições oferecidas à leitura indicava modos peculiares de edição, maneiras de organizar a disposição dos assuntos, possibilidades artesanais de encadernação que poderiam fazer do livro um utensílio atrativo ao toque *das mãos* e da leitura uma possibilidade de aprendizagem que poderia ser feita *pelos olhos*. Esta estrutura funciona como um protocolo de leitura (CHARTIER, 1989, p.130), em que o manual é portador de uma memória, de uma informação, uma configuração que permite perceber uma modelização/ idealização para o aluno-leitor.

Todas as lições se apresentavam ornadas por ilustrações/ gravuras coloridas e, muitas delas, mostravam envolvimento com o ato de ler por meio de situações agradáveis e edificantes, o que permite pensar em uma iniciação eficaz para descobrir a leitura-literatura em consonância com o propósito do livro que, entre seus objetivos, buscava o ler de forma autônoma, em que o aluno deveria caminhar sozinho, instruir-se e bem compreender os pontos de vista dos autores (MARINS, 1997, p.88).

Dividido em 9 capítulos ou, como consta à página 5, um “Índice arrumado por assunto”, o 4º livro da *Série* apresenta, para leitura, 77 lições e nelas é possível encontrar informações sobre a concepção dos saberes que permitem perceber as tendências do conhecimento a ser fixado, uma rigorosa transmissão e aquisição de competências cognitivas e de saberes gerais e específicos. (MAGALHÃES, 2008). Encontram-se desde os temas ligados aos valores patrióticos, às ciências naturais, associados a lições de gramática, mas a grande tônica é o incentivo à leitura apresentada em trechos escolhidos de autores nacionais como Coelho Neto, Correia Júnior, Armando Vila, Cecília Meirelles, Pedro Calmon, Rubem Braga, Guilherme de Almeida, Rocha Pombo e Cassiano Ricardo, cujas textualidades formam um arcabouço pedagógico nucleado, em grande parte, em torno da importância dos livros e das possibilidades de aprendizagem que eles trazem. Destacam-se, a seguir, alguns excertos:

O livro, sincero amigo,
tem sempre aberto um abrigo
que à Bondade nos conduz.
É nele que a dor se cala,
que apenas o saber fala,
que a treva aprende a ser luz...
(Correia Júnior/ Amai a escola. p.13)

Maria Teresa Santos Cunha

Foi assim que se criou a imprensa, a admirável invenção que veio facilitar a impressão de livros, jornais e revistas para a nossa leitura.
(Armando Vila/ A escrita e imprensa. p.17)

Os livros sábios revelam este mundo oculto, esta encoberta beleza que existe em redor de nós, por toda a parte, sob os aspectos mais insignificantes. Os brinquedos, as correrias, o tropel das travessuras não se comparavam àquele prazer silencioso da leitura. Que visões se desprendiam das páginas dos livros! Eram como janelas abrindo-se para um mundo maravilhoso.
(Cecília Meirelles/ Rui:Um menino prodígio/p.145-6).

Os exemplos citados parecem indicar que a seleção desses textos, via de regra, literários, atribuíam à escolarização “um repertório além do mero saber intelectual que até os dias de hoje pretende formar virtudes, valores, moralidade, civilidade” (BOTO, 2005, p.111), situação comprometida, ao que tudo indica, com um projeto cultural no qual era conveniente ler autores consagrados/ reconhecidos, pois que estes ensinam duplamente: pelo que dizem e pelo que fazem pensar!

Leituras (e leitores) em Cena

Utensílio de trabalho do professor, material escolar do aluno, livro didático para os editores, produção cultural para o autor, a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, de autoria do Professor Manuel Bergström Lourenço Filho, indubitavelmente, se impôs na escola pública brasileira desde seu aparecimento, em 1953, até os finais da década de 1960, como informam suas altas vendagens, perceptíveis pelo número de suas edições.

O volume n.4 - *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, aqui mais detidamente analisado, evidenciou como a leitura deveria fazer parte do universo simbólico da escola por meio do envolvimento com o objeto livro, materializado na sua própria confecção; na seleção de autores que a ela se referiam. Por intermédio das imagens visuais e discursivas, materializadas nas gravuras e nos comentários que alimentavam o imaginário do futuro leitor, forjavam-se imaginários sobre o poder do livro e da leitura. De igual maneira, foi possível perceber que as lições, ilustradas ou não, colocavam em cena o imperativo escolar de *saber ler*, um processo que supunha o contato constante do estudante com o mundo do livro e da leitura.

Ter como autor um nome consagrado no campo educacional, como o Professor Manuel Bergström Lourenço Filho, agregava valor à *Série*; e a autoridade do autor, aliada à sua trajetória profissional, qualificava, sobremaneira, as propostas para a leitura, firmando-as como um paradigma, um modelo positivo de identificação para professores e alunos. Ao materializar representações variadas de cenas de leitura e dar destaque aos livros e ao ato de ler, seja em textos

Das mãos do autor aos olhos do leitor.
Um estudo sobre livros escolares: A Série de Leitura Graduada
Pedrinho de Lourenço Filho (1950/1970)

de prosa ou em exortações poéticas, a seleção de excertos em conjunto com as imagens que evocavam cenas de leitura instituíam mais valores ao ato de ler e ao objeto livro de leitura e anunciam o benefício de êxito escolar ao jovem leitor curioso, uma proposta afinada com os pressupostos da Escola Nova.

Os estudos realizados pela historiadora argentina Adriana de Miguel (2002, p.114) mostram que “os efeitos dessas cenas nos leitores devolviam a eles mesmos imagens satisfatórias, nítidas e enfáticas dos resultados da educação pelos livros e que esta devolução apontava a construção e o desenvolvimento do sujeito pedagógico moderno através da representação que se faz dele mesmo”.

A pesquisa até aqui empreendida verificou que os livros de leitura e cartilhas tiveram um papel importante na formação do cidadão republicano, pois, por intermédio deles, eram transmitidos e reforçados hábitos morais, cívicos, patrióticos, regras de civilidade, disciplina, higiene, trabalho, levando várias gerações a partilharem textos que construíam a ideia da pátria moderna e civilizadora. Esta linha de raciocínio foi mantida na proposta de Lourenço Filho, com orientações bem diretrivais nas lições, o que permite considerar “a força das concepções residuais na composição do sentido das inovações” (VALDEMARIM, 2010, p.210). Como autor didático, Lourenço Filho conciliou antigos e novos procedimentos e se apropriou de experiências cotidianas para solidificar a crença no poder da leitura e dos livros para a mudança de mentalidades. Nas lições da Série é possível encontrar uma linha de continuidade com os manuais ditos *tradicionais*, seja mediante o uso de expedientes como o ensino por meio das viagens, seja pelo acento na formação patriótica e moral.

O declínio desses manuais no início da década de 1970, além de coincidir com a morte do autor parece estar relacionado à emergência de novas propostas educacionais que foram implementadas naquele período de exceção que o país passava. De igual maneira, pode-se considerar que os propósitos iniciais de formação pela leitura na escola, defendidos por Lourenço Filho, como “harmoniosa e perseguida com diferentes matizes pelo movimento de renovação social escolanovista” (SOARES, 2010, p.163), foi obliterada por mudanças nos programas de ensino dos anos de 1960 e 1970 que passaram a “incorporar as noções de flexibilidade, de prescrição mínima orientadora, de articulação entre as matérias” e afirmando a necessidade de novas propostas experimentais “para as atividades infantis, os métodos e os materiais de ensino” (VALDEMARIN, 2010, p. 212).

Em que pese, terem ficado *antigos*, os livros de leitura e/ou manuais escolares constituem, hoje, uma fonte relevante para a configuração da historiografia da educação e da leitura de um

Maria Teresa Santos Cunha

importante período da vida nacional (desde a implantação da República até meados do século XX) e, para além de um objeto de uso restrito ao ambiente escolar é um elemento que permite conhecer representações de toda uma maneira de conceber a leitura e praticar o seu ensino. São, igualmente, fontes para estudos a respeito de uma pretendida homogeneização cultural, para a qual a escola poderia concorrer poderosamente: todos irmanados com o mesmo sentimento pátrio e identificados, por meio das práticas escolares, com os mesmos rituais, heróis, símbolos.

Conservados em bibliotecas públicas e em acervos privados¹⁷, cabe ao historiador do presente o desafio de problematizar o papel e o lugar desses manuais escolares, ainda pouco conhecidos do grande público. Trata-se de um patrimônio cultural que teve papel considerável na educação escolarizada das classes médias e populares (pela via da escola pública) e ocupou um espaço importante na educação de crianças e leitores. Trabalha-se com uma perspectiva ampliada de patrimônio cultural capaz de sensibilizar estudos e conservação desses manuais, pois conhecer como os livros eram produzidos, dados a ler e utilizados é compreender como o Estado fez da leitura um saber escolar e deu à Escola a responsabilidade de formar leitores/as.

Notas:

¹ Entendida aqui na perspectiva de António Viñao Frago (1995, p. 68-9) como um “conjunto de aspectos institucionalizados – práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos – a história cotidiana do fazer escolar – objetos materiais – função, uso, distribuição no espaço, materialidade física... toda a vida escolar: fatos e ideias, mentes e corpos, objetos e condutas, modos de pensar, dizer e fazer”.

² Ver a esse respeito os estudos de Agustín Benito Escolano/ Universidad de Valadolid/ Espanha e disponíveis em www.ceince.eu (Centro Internacional de Cultura Escolar).

³ Sobre leituras escolares sugeridas pela Igreja Católica, ver: CUNHA, M.T.S. *Armadilhas da sedução. Os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

⁴ Citado por VALDEZ, D. (2004. p.221). A autora salienta que os primeiros livros de leitura para a infância brasileira circularam em 1866 e foram escritos pelo Barão de Macahubas – O Dr. Abílio César Borges. Publicados em Paris, receberam apoio do Imperador D. Pedro II de quem o autor era amigo. Ver, especialmente, o trabalho organizado por RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. (2010).

⁵ Nesse trabalho, foram consideradas como sinônimas as expressões: manual escolar, livro escolar e livro de leitura.

⁶ A expressão Escola Nova, largamente difundida, abriga, de modo impreciso, diferentes propostas para a renovação escolar produzidas no século XX. Aqui se consideram as propostas que estavam amparadas em experimentos científicos, consideravam o desenvolvimento infantil como determinante para o processo educativo e a atividade (e experiência) como elementos centrais do processo cognitivo. (VALDEMARIN, 2010, p. 88).

⁷ Ver, a título de exemplo, a obra: *Antonio Firmino de Proença: professor, formador, autor*. Organizada por MÁRCIA DE PAULA GREGÓRIO RAZZINI. SP: Porto das Ideias. 2010.

⁸ A que tudo indica, Lourenço Filho, estava imbuído dessa ideia ao escrever a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, a partir de 1953. (Ver STEPHANOU; CUNHA, 2009; VALDEMARIN, 2010; SOARES, 2007).

⁹ FILHO, Lourenço. Ensino e Biblioteca. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, n. 16. Idéias e Debates, p. 5-24.

¹⁰ Reprodução textual do *Manifesto de 1932* encontra-se em XAVIER, L.N., 2002.

¹¹ Editor da Coleção Biblioteca da Educação entre 1927 e 1941 para a Companhia Melhoramentos/SP. (TOLEDO, 2005).

¹² Fundada em 1890, por Antonio Prost Rodavalho, a Companhia Melhoramentos mantinha vínculos, desde as primeiras décadas do século XX, com professores da Escola Normal Caetano de Campos como Lourenço Filho, por exemplo, que foi convidado a orientar diferentes coleções que a Melhoramentos publicou dedicadas à ficção para crianças, obras escolares e textos sobre educação, inclusive os seus próprios. Desde 1915 como propriedade dos Irmãos Weiszflog, a

Das mãos do autor aos olhos do leitor.
Um estudo sobre livros escolares: A Série de Leitura Graduada
Pedrinho de Lourenço Filho (1950/1970)

Companhia Melhoramentos abrigava uma parte dos chamados *escolanovistas*, como o próprio Lourenço Filho, em concorrência com a Companhia Editora Nacional. (Fonte: www.melhoramentos.com.br. Acesso em: 24/05/2011).

¹³ As cifras apresentadas por MORTATI referem-se à circulação da Série.

¹⁴ O gráfico foi elaborado tendo como base as tiragens apresentadas no livro: MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy de Carvalho Bergstrom. *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília, DF: INEP, 2001. MORTATI (2000) traz dados diferenciados, que, a que tudo indica, referem-se à circulação da Série.

¹⁵ Ilustrador de várias obras editadas pela Melhoramentos como as de Francisco Marins, por exemplo, *O Coleira Preta*, 9^a edição, em 1969.

¹⁶ Doravante as citações se referem, especificamente, ao livro nº 4/ *Leituras de Pedrinho e Maria Clara. Série de Leitura Graduada/ 4º livro/ M.B*; Lourenço Filho. SP: Edições Melhoramentos. 3^a edição. 1958.

¹⁷ Volumes da Coleção da Série de Leitura Graduada Pedrinho, de Lourenço Filho, que dão sustentação a este trabalho, integram meu acervo pessoal e estão depositados no Laboratório de Patrimônio Cultural/ Departamento de História/ UDESC/ Florianópolis.

Referências:

- BERTOLETTI, E. N. M. *Lourenço Filho e a alfabetização: um estudo da Cartilha do Povo e da cartilha Upa, cavalinho!*. São Paulo: UNESP, 2006.
- BOTO, C. *O professor primário português como intelectual: ‘eu ensino, logo existo’*. *Linhas*, Florianópolis, v.6, n.1, p.79-130, jan /jun. 2005.
- CHARTIER, R. *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- CHARTIER, R. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary del Priore. Brasília: Editora UnB, 1994.
- CHOPIN, A. O historiador e o livro. In: *História da Educação/ASPHE*, n.11 .Pelotas: Editora da UFPel. p.5-24, abril/2002.
- CONDESSA DE GENCÉ. *Tratado de civilidade e etiqueta*. 8^a edição. Lisboa: Livraria Editora Guimarães, 1954.
- CUNHA, M. T. S. *Armadilhas da Sedução*. Os romances de M.Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- FROEBEL, F. W. A. *A educação do homem*. Tradução de Maria Helena Câmara Bastos. Passo Fundo-RS: Editora da UPG, 2001.
- GALVÃO, A. M. de O.; BATISTA, A. A. G. Manuais escolares e pesquisa em História. In: FONSECA, T. N. de L. e. *História e Historiografia da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 161-188.
- GASparello, A.M. *Construtores de Identidades: A pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira*. São Paulo: Iglu, 2004.

Maria Teresa Santos Cunha

- LAHUERTA, M. *Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização*. In: LORENZO, H.C.; COSTA, W.P. da (Org.). *A década de 20 e as origens do Brasil Moderno*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 93-114.
- LOURENÇO, L. M. S. O pensamento de Lourenço Filho em seus Primeiros Escritos Pedagógicos e nas Conferências da Associação Brasileira de Educação – ABE. In: MONARCHA, C. (Org.). *Lourenço Filho: outros aspectos*, mesma obra. Campinas: Mercado das Letras, 1997, p. 47-76.
- LOURENÇO FILHO, M. B. (1953 a 1958). *Aventuras de Pedrinho*. Série de Leitura Graduada Pedrinho, v. 1, v.2, v.3. v.4. São Paulo: Melhoramentos.
- MAGALHÃES, J. Escrita escolar e oficialização da escola portuguesa. In: CASTILLO GOMES, A.; SIERRA BLAS, V. (Org.) *Mis primeros pasos-Alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX e XX)*. Madrid: Edicione Trea, 2008, p. 19-40.
- MARINS, F. Literatura Infantil e Lourenço Filho. In: MONARCHA, C. (org.). *Lourenço Filho: outros aspectos*, mesma obra. Campinas: Mercado das Letras, 1997.
- MIGUEL, A. *Escenas de lectura escolar: la intervención normalista en la formación de la cultura letrada moderna*. In: Para una historia de la enseñanza de la lectura y escritura en Argentina. (organizado por Rubem Cicuzza e Pablo Pineau) Buenos Aires: Miño y Dávila.2002. p.109-148.
- MONARCHA, C. (Org.) *Lourenço Filho: outros aspectos*, mesma obra. Campinas: Mercado das Letras, 1997.
- MORTATTI, M. R. L. *Os sentidos da alfabetização*. São Paulo: Editora Unesp. 2000.
- PROCHNOW, D. de P. M. Lições de Fé. A Série de Leitura Graduada Fontes no contexto da reforma de Orestes Guimarães em Santa Catarina. (1911-1935). 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- RAZZINI, M.P.G. Livros e leitura na Escola Brasileira do século XX. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M.H.C. (Orgs.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*. Vol.III – Século XX. Petrópolis,RJ: Vozes, 2005.p. 100-113.
- _____. (Org.). *Antonio Fermino Proença: professor, formador, autor*. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.
- SCHILGEN, H. *Tu e ela*. São Paulo: Edições Melhoramentos. 3^a edição. 1929.
- SOARES, G. P. *Semear Horizontes*. Uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil (1915-1954). BH: Editora da UFMG, 2007.
- STEPHANOU, M.; CUNHA, M. T. S. Despertar na alma da criança o amor pela Pátria: a história na escola primária sob orientação de Lourenço Filho. In: BASTOS, M. H. C.; CAVALCANTE, M. J. M. (Org). *O curso de Lourenço Filho na Escola Normal do Ceará*. Campinas, SP: Editora Alínea. 2009. p 261-284.
- TEIVE, G. M. G. “*Uma vez normalista, sempre normalista*”. Cultura escolar e produção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinense: 1911 a 1935). Florianópolis: Editora Insular, 2008.

Das mãos do autor aos olhos do leitor.
Um estudo sobre livros escolares: A Série de Leitura Graduada
Pedrinho de Lourenço Filho (1950/1970)

TOLEDO, M. R. de A. *Inovação Pedagógica*, formação do professor e circulação de bibliotecas para professores: o caso da Biblioteca de Educação. In: Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana. (CD Rom). Quito. 2005.

VALDEMARIN, V. T. *História dos métodos e materiais de ensino*: a escola nova e seus modos de uso. São Paulo: Cortez, 2010.

VALDEZ, D. *Livros de leitura seriados para a infância*: fontes para a história da educação nacional. *Linhas*, Florianópolis, v.5, n.2, jul/dez. 2004.

VIÑAO FRAGO, A. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*. ANPEd. nº 0. p. 63-82, 1995.

XAVIER, L. N. *Para além do campo educacional*. Um estudo sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

Recebido em 26/09/2011

Aprovado em 10/10/2011.